

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del  
Deporte (ALESDE)  
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las  
tramas regionales**

**Jugar y competir en la universidad: relaciones de género en el básquet y el  
handbol durante las *Calouríadas***

**Jogar e competir na universidade: relações de gênero no basquete e no  
handebol durante as *Calouríadas***

**Eje:** 4 - Deporte, cuerpo y género

**Autoras:**

*Altmann, Helena.*

UNICAMP, Brasil, [altmann@unicamp.br](mailto:altmann@unicamp.br)

*Medeiros, Daniele C. C.*

UNICAMP, Brasil, [dccm@unicamp.br](mailto:dccm@unicamp.br)

*Ribeiro, Olívia C. F.*

UNICAMP, Brasil, [olivia@fef.unicamp.br](mailto:olivia@fef.unicamp.br)

**Resumen:**

O esporte universitário brasileiro é um fenômeno que vem se estruturando em instituições públicas e privadas de ensino superior ao longo dos anos. Este trabalho aborda o esporte universitário, descrevendo e analisando um campeonato para ingressantes de uma grande universidade pública brasileira, as *Calouríadas*, realizadas anualmente na UNICAMP. Considerando que gênero é um marcador social de diferenças importante na relação dos sujeitos com o esporte e que pesquisas apontam expressivas desigualdades de gênero no acesso e no envolvimento com a prática esportiva no Brasil, bem como na ocupação de cargos de liderança, neste trabalho buscamos compreender como o gênero perpassa a prática esportiva competitiva organizada por jovens estudantes universitários. As análises focam em duas modalidades de esporte de invasão praticado com as mãos: handebol e basquetebol. A metodologia de pesquisa foi etnográfica, com a observação dos jogos realizados aos finais de semana entre abril e maio de 2024 e a realização de entrevistas semiestruturadas com sete

estudantes. Estudantes destacam o acolhimento nas equipes e jogos. Desigualdades foram observadas no maior número de jogadores do que de jogadoras e nas habilidades esportivas, sendo mais aprimoradas nas equipes masculinas em relação às femininas, gerando assim uma maior *jogabilidade*. Por outro lado, a atuação em cargos de liderança técnica e de arbitragem ocorreu de modo mais igualitário, com a participação de homens e mulheres.

**Palabras clave:** esporte universitário – gênero – etnografia – juventude – esporte.

## Introdução

Na manhã de sábado, 6 de abril de 2024, teve início mais uma *Calouríadas*, competição em que estudantes ingressantes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) competem entre si, representando seus cursos, em modalidades coletivas e individuais. O esporte se apresenta ali como uma estratégia de integração de calouros, promovendo laços de amizade e noções de pertencimento aos cursos e com a universidade. Alguns familiares assistiram aos jogos, acompanhando essa transição do ambiente escolar ao universitário, do familiar às repúblicas e às novas amizades.

Organizadora das *Calouríadas*, a Liga das Atléticas da UNICAMP (LAU) é a principal e mais ampla organização esportiva estudantil de uma universidade pública e gratuita, de grande porte e alta seletividade do interior do estado de São Paulo, Brasil. A LAU foi regulamentada com estatuto próprio em 2002, no qual sua criação é datada de 19 de setembro de 1970. Ela é formada por 16 atléticas e ligas, totalizando 33 entidades, tendo como objetivo desenvolver e fomentar o esporte universitário. Sua gestão é inteiramente feita por estudantes, que organizam campeonatos dentro da universidade, além de representar a universidade em eventos externos.

Assim, este trabalho descreve e analisa o campeonato esportivo chamado de *Calouríadas*, no sentido de compreender como o gênero perpassa a prática esportiva competitiva organizada por estudantes universitários. As análises apresentadas se restringem a duas modalidades de esporte de invasão, praticado com as mãos: handebol e basquetebol.

O esporte é um fenômeno da modernidade que se organiza no âmbito de mudanças culturais, sociais e econômicas desde o final do século XIX, consolidando-se no século XX (Bourdieu, 1983; Elias ;Dunning, 1992). No Brasil, práticas recreativas e de divertimento foram se esportivizando a partir do final do século XIX, incorporando valores do esporte

moderno, consolidando um apreço pela velocidade, pela comparação de resultados, pela vitória, pela obtenção de marcas (Medeiros, 2021).

Neste trabalho, as relações com o esporte universitário são analisadas a partir da perspectiva de gênero. Ainda que, em sua origem, o esporte tenha se apresentado como “uma das mais importantes áreas reservadas masculinas”, ou como um “veículo de imposição e expressão de virilidade” (Elias; Dunning, 1992, p. 390 e 396), mulheres enfrentaram interdições sociais e leis que restringiam sua prática, fazendo-se desde muito cedo presentes no meio esportivo. Desta forma, o esporte pode trazer às mulheres liberdade, aventura, riso e um conjunto de sentimentos de alegria, ao sair do ordinário da vida cotidiana, ao romper as barreiras impostas, ou mesmo, proporcionar autonomia e independência (Soares, 2023).

Nessa perspectiva, como o esporte praticado nas *Calouríadas* rompe com o ordinário da vida acadêmica? Como gênero perpassa as práticas esportivas de jogadores(as), árbitros(as) e técnico(s)?

Esta pesquisa se baseia em uma pesquisa etnográfica (Magnani *et al.*, 2023) realizada entre abril e maio de 2024<sup>1</sup>, nas *Calouríadas*, durante as quais as pesquisadoras – professoras universitárias e discentes de graduação – observaram jogos e conversaram com informantes, incluindo atletas, dirigentes da LAU, treinadores(as), torcedores(as) e familiares. Foram realizadas sete entrevistas até o momento.

As análises, apontam, por um lado, para uma equidade de gênero nas modalidades oferecidas e na arbitragem, com homens e mulheres atuando como técnicos(as) e, por outro, para desigualdades de gênero no número de jogadores(as) e nas suas habilidades esportivas de handebol e basquete.

### **Posições de liderança: arbitragem e cargos técnicos**

Estudantes veteranos, homens e mulheres, integrantes das equipes da LAU, atuaram como árbitros e árbitras dos jogos, dada a ausência de recurso para pagar a arbitragem nas primeiras fases do campeonato. Duas jogadoras de handebol apitaram os jogos femininos e masculinos, enquanto dois alunos apitaram os jogos de basquete. A composição das equipes de arbitragem nessas primeiras fases foi feita por adesão junto às equipes de treinamento da LAU, enquanto para as semifinais e finais, a reitoria disponibilizou recursos para contratação de arbitragem profissional. As partidas de basquete e de handebol tiveram homens e mulheres como árbitros(as). Os(as) mesários(as) eram integrantes da atual gestão da LAU, alunas e alunos. As observações e análises desenvolvidas até o momento indicam uma presença

---

<sup>1</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 75407823.0.0000.5404).

expressiva de mulheres como árbitras. Se pensarmos na dimensão formativa dessa atuação, podemos destacar a importância dessa maior equidade na formação de quadros futuros na arbitragem do basquete e do handebol.

A presença de técnicos ou técnicas foi observada durante as partidas, mesmo que de forma improvisada, quando um(a) estudante mais antigo(a) e com experiência na modalidade ou um(a) estudante do outro sexo que também competiu no dia ficavam no banco. Em menor número, algumas equipes contavam com a participação do técnico(a) contratado(a) pela atlética do curso.

A equipe de basquete masculino da Liga das Engenharias da UNICAMP (LEU) é treinada por um aluno enquanto a de basquete feminino por uma aluna, ambos de educação física, que acompanharam os jogos dos(as) calouros(as). Em um jogo da equipe masculina que a LEU ganhava com facilidade do Profis – equipe com 6 jogadores, todos oriundos da escola pública e que só dispunha da orientação de um veterano –, o técnico exerceu sua profissão com precisão, pedindo tempo para melhor posicionamento do time ou marcando saída de bola. O jogo terminou 29x4.

A maior parte das equipes só contou com o auxílio de estudantes veteranos, como nos jogos de basquete e handebol da Medicina, em que a mesma veterana passava orientações às colegas de curso. Na equipe de basquete feminino da FEF, duas jogadoras de final de curso com experiência na modalidade, permaneceram no banco durante as partidas, fazendo substituições, orientando. Durante um pedido de tempo, uma delas perguntou: “Alguém mais quer entrar? Alguém ainda não jogou?”, visando a participação de todas. “Lógico, todo mundo gosta de ganhar, mas o que eu vejo aqui, o que mais importa é todos participarem, é todos terem uma vivência.”, contou uma jogadora entrevistada<sup>2</sup>. O técnico oficial da equipe da FEF esteve presente na final, quando o time se consagrou campeão na modalidade. Após a entrega de medalhas, tirou a sua do pescoço e entregou à jogadora veterana, que atuara como técnica nas primeiras partidas, num gesto simbólico e de reconhecimento da sua contribuição para a equipe.

Assim, nos jogos de handebol e basquete das *Calouríadas*, homens e mulheres ocuparam cargos técnicos, tanto de modo informal, quando estudantes veteranos(as) ocupavam essa posição durante o jogo, sem serem os responsáveis pelo treinamento das equipes, quanto quando o técnico era contratado.

Pesquisas têm apontado a menor representatividade de mulheres em cargos de liderança no esporte, tais como treinadoras, auxiliares, fisiologistas, médicas, na

---

<sup>2</sup> Cecília (Educação Física, 19 anos), entrevista realizada em 27.05.2024.

administração e na arbitragem (Barreira, 2021; Ferreira *et al.*, 2015). Outrossim, a atuação como treinador e treinadora no esporte universitário, seja ela de forma regular, seja ela esporádica e informal, como na competição aqui analisada, pode ser vista como um espaço de formação. Se usarmos a metáfora do labirinto para analisar a trajetória das mulheres em direção a cargos de liderança (Barreira, 2021), podemos reconhecer que, ao longo de suas carreiras profissionais, as mulheres enfrentam diferentes desafios, marcados por interseções de classe, gênero, raça e sexualidade. Assim, poderíamos pensar no labirinto percorrido dentro do esporte universitário na formação de treinadores(as), compreendendo as possíveis desigualdades de gênero no processo de formação e não apenas ao atingir o topo da carreira. Portanto, analisar as experiências de gestão, equipe técnica e arbitragem no esporte universitário possibilita uma compreensão mais ampla das oportunidades e barreiras encontradas dentro desse sistema.

### **Desigualdades de gênero no jogar**

As *Calourtadas* oferecem uma imersão na cultura esportiva: participação de uma competição com arbitragem em um grande ginásio, aprendizagem de rotinas de aquecimento, de rituais de jogo e comemorativos, constituição de um coletivo. Para várias pessoas, essa experiência é inédita. Estando a composição das equipes restritas aos ingressantes dos cursos, a disposição para jogar se sobressaiu ao domínio da modalidade como critério de convocação, em especial entre as equipes femininas. De acordo com um dos entrevistados, um calouro do curso de estatística, nas equipes masculinas de esportes coletivos, havia sempre um pequeno grupo que conhecia a modalidade e sustentava o jogo, não ocorrendo o mesmo entre as equipes femininas. Com um número mais reduzido de alunas dispostas a jogar, não raro, elas se repetiam em quadra nas várias modalidades<sup>3</sup>. Pudemos observar tal fato também durante os jogos, ficando evidente um menor número de jogadoras nas equipes, nível técnico e tático baixo, sem comprometer, no entanto, a disposição e o envolvimento esportivo. Como expressa uma estudante de educação física acerca da experiência, essa condição de igualdade foi um elemento agregador: “Eu me senti muito bem, muito feliz, também porque tinham muitas meninas que entraram que também não praticavam basquete. Foi muito legal isso das *bixetes* começarem a fazer junto, não ter muita experiência e a gente se ajudar, foi muito bom essa parte.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Matheus (Estatística, 18 anos), entrevista realizada em 10/06/2024.

<sup>4</sup> Cecília (Educação Física, 19 anos), entrevista realizada em 27.05.2024.

No primeiro dia de *Calouríadas*, o time de handebol feminino da Medicina jogou contra o time do Instituto de Artes (IA). O jogo terminou 6 a 2 para a Medicina – placar baixo para uma partida de handebol. Limitações técnicas e táticas perpassavam o jogo: os arremessos a gol eram fracos, jogadoras não se valiam da falta como estratégia para conter o ataque adversário, o posicionamento em quadra era pouco organizado, o jogo era eventualmente interrompido em decorrência de caminhadas com a bola na mão. Ao término da partida, jogadoras da Medicina uniram as mãos e entoaram um grito de guerra que fazia alusão positiva ao curso. A técnica – uma estudante veterana – já tinha devolvido os documentos e cumprimentava as jogadoras: “Parabéns, esse é o espírito.” Convidou-as para treinar na equipe, passando horários e locais de treino. Só então foram cumprimentar a equipe adversária: perfilaram na beira da quadra, deslocaram-se em fila batendo nas palmas das mãos das oponentes. Deixando a quadra, as jogadoras do IA conversaram entre si, como sobre o uso da falta como estratégia de jogo.

Outra partida de handebol feminino naquela manhã foi entre a Liga de Humanas da Unicamp (LHU) e Liga de Ciências Naturais (LCN). No aquecimento, educativos de aquecimento eram desconhecidos. Os deslocamentos com passes e arremessos propostos por colegas da equipe masculina eram realizados com certa dificuldade. Chamou-nos a atenção na equipe da LHU o vestuário pouco adequado à prática: uma delas usava sapatilha, outras duas, tênis *all star*, e duas tiveram que pegar emprestado bermudas dos meninos, pois não era permitido jogar com as que vestiam.

A partida de handebol masculino da Medicina contra a LHU e Instituto de Geologia (IG)<sup>5</sup> terminou 11 a 3. O jogo contou com a torcida das estudantes de medicina, que jogaram a primeira partida sem o apoio dos torcedores do curso. Entoaram gritos de guerra com o nome do curso, elogios e “declarações de amor” diante de uma boa jogada ou defesa. Um dos jogadores da medicina se destacava em quadra e fez a maioria dos gols no primeiro tempo, passando a ser marcado individualmente após o intervalo. Ele é branco, musculoso, chegou de bicicleta no ginásio carregando um capacete junto à mochila. Depois de fazer um gol, arremessando quase do meio da quadra e pegando o goleiro desprevenido, voltou ao seu campo de defesa vibrando, erguendo os braços e chamando a torcida. Seu gesto se assemelhava ao de Darlan, jogador de vôlei da seleção brasileira, levantando e conquistando a torcida após um ponto de *ace* ou após atravessar o bloqueio adversário colocando a bola no chão. Enquanto assistia à cena e pensava que não me imaginava agindo assim, nem mesmo

---

<sup>5</sup> As duas unidades se uniram de modo a ter um número suficiente de jogadores para compor a equipe.

quando competia jogando basquete, minha colega comentou “Eu queria ter a autoestima do homem hetero”.

Situações semelhantes se repetiram em outras partidas. O número de jogadoras nas equipes era sempre inferior ao número de jogadores. Os jogos de basquete, de um modo geral, tinham placares finais baixos, menores nos jogos femininos. Nas partidas masculinas, havia dois ou três jogadores que se destacavam, evidenciando proximidade com a modalidade. Além disso, tais equipes apresentavam um melhor posicionamento em quadra, com marcação por zona ou individual, jogadores ocupando posições de alas, armadores e pivôs no ataque, realização da bandeja no contra-ataque. A dinâmica do jogo evidenciava uma proximidade da equipe com a modalidade, ainda que na finalização das jogadas, ocorresse de a bola bater no aro e na tabela, sem pontuar. A partir do segundo tempo, o jogo fluía melhor, bem como a precisão dos arremessos. Todos os jogadores utilizavam tênis esportivos, alguns próprios para o basquete. Nos jogos femininos, os limites técnicos e táticos eram maiores, evidenciando uma menor experiência esportiva das jogadoras. A marcação de defesa era mais desorganizada, a pontuação, mais baixa, bolas que não atingiam o aro ou a tabela, o jogo era interrompido pela volta ao campo de defesa depois de ter ido ao de ataque ou por dar mais de um passo com a bola na mão, ausência de realização de bandeja em qualquer momento do jogo. Como definido por uma aluna, os jogos femininos tinham uma menor jogabilidade<sup>6</sup>.

Pesquisas demonstram que o acesso à prática de atividades físicas e esportivas é desigual no Brasil, sendo gênero, raça, renda, escolaridade e idade marcadores sociais de diferença nesse campo (Altmann *et al.*, 2018; IBGE, 2017, 2021). Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2019 mostram que o percentual de escolares de 13 a 17 anos fisicamente ativos é de 38,5% entre homens e 18% entre mulheres. Essa desigualdade durante o período de formação impacta a inserção na cultura esportiva e a incorporação de habilidades, tendo sido analisada também em pesquisas sobre a educação física escolar (Altmann y Jacó, 2022; Galve Gerez y Wenzel, 2022).

Assim, as observações realizadas durante essa competição esportiva permitem afirmar que alunos ingressantes na universidade apresentam habilidades esportivas superiores às alunas no basquete e no handebol, resultado de um maior envolvimento com os esportes no período escolar.

## **Reflexões finais**

---

<sup>6</sup> Maria Eduarda (Educação Física, 18 anos), entrevista realizada em 24.06.2024.

Este trabalho analisou um evento competitivo para ingressantes de uma das maiores universidades brasileiras. Organizado pelos próprios universitários, as *Calouríadas* propiciaram uma vivência ampla do esporte e de sua cultura, promovendo a integração dos(as) jovens entre si, com o curso e a universidade. Desigualdades de gênero foram observadas nas habilidades esportivas, sendo mais aprimoradas nas equipes masculinas em relação às femininas, garantindo uma maior jogabilidade. Por outro lado, a atuação em cargos de liderança técnica e de arbitragem ocorreu de modo mais igualitário, com a participação de homens e mulheres. A pesquisa destaca as contribuições do evento para a formação esportiva ampla das novas gerações e para sua integração ao curso e à universidade.

### Referências

- Altmann, H., Ayoub, E., Garcia, E. F., Rico, E. R., y Polydoro, S. A. J. (2018). Gênero e cultura corporal de movimento: Práticas e percepções de meninas e meninos. *Revista Estudos Feministas*, 26(1), 1-16. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n144074>
- Altmann, H., y Jacó, J. F. (2022). Esporte como direito social: sobre lutas e empoderamento de mulheres. En P. R. C. Ribeiro, J. C. Magalhães, y R. A. Boer (Eds.), *(Re)existir, (re)inventar, pesquisar: entrelaçamentos de corpos, gêneros e sexualidades* (pp. 184–203). Editora da FURG.
- Barreira, J. (2021). WOMEN IN LEADERSHIP SPORT POSITIONS: BREAKING THROUGH THE GLASS CEILING OR WALKING THROUGH THE LABYRINTH? *Movimento*, 27 e27080, 1-18. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>
- Bourdieu, P. (1983). Com é possível ser esportivo? En: P. Bourdieu (Ed.), *Questões de sociologia* (pp. 136–153). Ed. marco Zero.
- Elias, N., y Dunning, E. (1992). *A busca da excitação* (Vol. 1). Difel.
- Ferreira, H. J., Do Carmo Salles, J. G., y Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Revista Da Educação Física*, 26(1), 21–29. doi: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i1.22755>
- Galve Gerez, A., y Wenez, I. (2022). Registros de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física no ensino fundamental. *Motrivivência*, 34(65) 1-18. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84714>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2017). *Práticas de esporte e atividade física: 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2021). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019*. Rio de Janeiro: IBGE.

Magnani, J. G. C., Spaggiari, E., Nogueira, M. H. V. G., Chiquetto, R. V., y Tambucci, Y. B. (2023). *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Vozes.

Medeiros, D. C. de. (2021). *Entre esportes, divertimento e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899 – 1949)*. (Tesis de doctorado inédita). UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas, Brasil.